

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

6 No Brasil, 54% das pessoas entre 18 e 35 anos escolheram um banco digital como sua principal instituição financeira

BeFly quer ser a maior rede multimarcas do turismo

Depois de comprar a Flytour, maior agência de viagens de negócios do país, e a Queensberry, uma das mais tradicionais do mercado de luxo, o empresário mineiro Marcelo Cohen, presidente da holding BeFly, dá andamento ao projeto de consolidação da BeFly Travel. A marca de franquias venderá produtos de diversas operadoras e fornecedores e não apenas aqueles ligados à holding. Cerca de 30 operadoras deverão participar da iniciativa, que contará com 100 mil hotéis em seu ecossistema de negócios.

Norte Energia obtém selo por atuação em Belo Monte

A Norte Energia obteve o selo "Aliança pelas Águas Brasileiras," concedido pelo Ministério do Desenvolvimento Regional. Segundo a empresa, o certificado é fruto do programa de recomposição da cobertura vegetal na região da Usina Hidrelétrica Belo Monte, no Sudoeste do Pará, da qual a Norte Energia é concessionária. Dos 12 projetos selecionados, três têm ações focadas na Amazônia. O da Norte Energia é o de maior valor, com aproximadamente R\$ 250 milhões em investimentos.

Bancos tradicionais têm o desafio de conquistar os jovens

A indústria financeira tradicional está sob ataque. O surgimento de fintechs e plataformas financeiras digitais acirrou a concorrência, impôs novos modelos de negócios e obrigou os grandes bancos a se reinventarem. Mesmo assim, eles estão perdendo a predominância em um grupo de consumidores vital em qualquer ramo de atividade: os jovens. Uma pesquisa global realizada pela alemã Mambu, empresa especializada em soluções para o setor financeiro, trouxe dados surpreendentes. O estudo revela que, no Brasil, 54% das pessoas entre 18 e 35 anos escolheram um banco digital como sua principal instituição financeira. Ok, essa faixa etária não detém o maior volume de recursos, mas ela, obviamente, representa o futuro. O caso brasileiro chama a atenção. Na média da América Latina, 83% da população ainda prefere as instituições clássicas. Diversos estudos mostram que o Brasil é um país aberto a novas tecnologias, o que se deve, sobretudo, aos jovens. É esse público que os bancos precisam fisgar.

Ana Dinardo/CB/D.A Press



Arquivo pessoal



Os clientes ficaram muito mais seletivos, passaram a pesquisar muito mais, a experimentar marcas e comprar proteínas mais baratas. O consumo de ovo de galinha, por exemplo, explodiu no ano passado"

Jorge Faiçal, presidente do Grupo Pão de Açúcar (GPA), sobre os reflexos da crise econômica

Rede Mater Dei vai às compras

A rede mineira Mater Dei acelera a expansão. Foram duas aquisições em 2022 — e o ano mal começou. Ontem, anunciou a compra de 95% do Emec, tradicional hospital em Feira de Santana, na Bahia, por R\$ 200 milhões. No começo do ano, foi a vez do Hospital Premium, de Goiânia, por um pouco mais: R\$ 250 milhões. O apetite por aquisições aumentou após a abertura de capital, em abril 2021. Pouco depois, em julho, a Mater Dei incorporou 70% do Grupo Porto Dias, maior rede hospitalar do Norte do Brasil.

RAPIDINHAS

- » As fusões e aquisições encerram 2021 com o melhor resultado desde 2010. Segundo a consultoria Bain & Company, as transações movimentaram US\$ 66 bilhões no ano passado, o equivalente a US\$ 345 bilhões. As grandes transações — aquelas acima de R\$ 10 bilhões — representaram metade do valor total dos negócios fechados.
- » A Associação Brasileira de Shopping Centers (Abasce) está otimista com os resultados de 2022. Segundo suas projeções, as vendas deverão crescer 13,8% em relação ao ano passado, chegando a R\$ 181 bilhões. Para Glauco Humai, presidente da entidade, a abertura de novos shoppings deverá contribuir para o bom desempenho do setor.
- » É curioso como a volta aos escritórios, o que deverá ocorrer em ritmo maior assim que a ômicron perder força, deverá estimular alguns setores. O mercado de beleza acredita que, com o retorno ao trabalho presencial, as vendas de produtos destinados a cuidados pessoais, como aparelhos de barbear e esmaltes para unha, tendem a aumentar.
- » A crise econômica não chegou ao mercado de cervejas. Segundo números calculados pela consultoria Euromonitor a pedido do Sindicerv, o sindicato da indústria, no ano passado o consumo da bebida subiu 7,7% em relação a 2020 — e isso mesmo com o cancelamento de eventos importantes para o setor, como o carnaval e shows.

80%

dos brasileiros reprovam a maneira como o presidente Jair Bolsonaro lida com a inflação, segundo a pesquisa Quaest/Genial. Além disso, 63% acham que Bolsonaro erra no combate ao desemprego

PLANOS DE SAÚDE

ANS barra negócio da Amil

Agência reguladora suspende venda da APS, empresa do mesmo conglomerado, para um grupo de investidores nacionais e estrangeiros até que todos os aspectos do negócio sejam esclarecidos. Beneficiários se queixam de piora no atendimento

Em meio a crescentes reclamações de usuários contra falta de atendimento e mudanças na rede médica credenciada, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) suspendeu a venda da operadora APS (Assistência Personalizada a Saúde) para um grupo de investidores nacionais e estrangeiros. Em dezembro passado, a APS havia absorvido 340 mil planos individuais de saúde da Amil nos estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. Ambas as empresas são controladas pelo grupo

norte-americano United Health. A transferência dos planos ocorreu no âmbito de um processo de reestruturação societária da APS, que incluiu a entrada de novos investidores estrangeiros. Segundo o diretor-presidente da ANS, Paulo Rebello, a operação de mudança do controle da operadora precisa de mais explicações. De acordo com o dirigente, a suspensão vai durar até que toda o negócio seja esclarecido. "Até nova decisão da ANS, a APS continua sendo

uma operadora do Grupo Amil e de inteira responsabilidade do grupo Amil", disse.

"Nossa maior preocupação é com o consumidor. Não pode haver, em nenhuma hipótese, a interrupção da prestação de assistência aos clientes da APS, principalmente aos que estejam em regime de internação hospitalar ou em tratamento continuado", acrescentou Rebello.

O controle da APS está sendo transferido para um grupo de investidores formado pelo fundo Fiord Capital, que ficaria

com uma fatia de 45% da operadora; pelo grupo Seferin & Coelho, que atua na área de gestão de hospitais, que também seria detentor de 45%; e o executivo Henning Von Koss, com os 55 restantes. O valor da transação seria de R\$ 2,3 bilhões.

Além disso, desde o fim de janeiro, circulam notícias de que a United Health pretende se desfazer de todos os negócios que tem no país. O grupo norte-americano comprou a Amil há cerca de 10 anos, mas acumulou grandes prejuízos com o negócio. Com a

decisão da ANS, a United Health fica proibida, por enquanto, de deixar o quadro social da Amil.

A ANS informou ter questionado a Amil sobre a aquisição do controle da APS, a capacidade financeira dos novos sócios para garantir a sustentabilidade da operadora e o valor envolvido na operação. "Sem respostas satisfatórias, a diretoria decidiu seguir a orientação técnica de suspender a retirada da atual controladora do Grupo Amil do quadro social neste momento", informou a agência.

Em nota, o UnitedHealth Group Brasil disse que está "revisando o processo de compra e venda da APS, em resposta às questões levantadas pela agência reguladora". Também informou que "a APS permanece como empresa do grupo e assegura que todas as condições contratadas pelos beneficiários permanecem rigorosamente as mesmas". A empresa acrescentou que os canais de atendimento "seguem à disposição dos seus beneficiários para esclarecimentos".

TELEFONIA

Cade aprova aquisição da Oi

A compra dos ativos de telefonia móvel do grupo Oi pelas operadoras Tim, Claro e Telefônica Brasil, que detém a marca Vivo, foi autorizada, com restrições, pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). A aprovação, segundo a Agência Brasil, foi condicionada ao cumprimento de medidas que diminuam os riscos concorrenciais e que estejam contidas em um Acordo em Controle de Concentrações (ACC). A Oi vendeu a rede móvel em 2020 para pagar dívidas. A transação precisava de confirmação pelo órgão antitruste.

A decisão foi tomada em reunião da tarde de ontem. As análises da operação mostraram que a saída da Oi do mercado de Serviço Móvel Pessoal (SMP) reduziria de quatro para três as operadoras

que atuam no segmento, levando a uma concentração na oferta do serviço. O entendimento do Cade, no entanto, é de que a falência da Oi poderia aprofundar a concentração do setor, mais ainda do que a transação, tendo em vista que os líderes do mercado iriam absorver os clientes atuais da empresa falida.

"Quando considerados em conjunto com as condicionantes da Anatel e a regulamentação setorial, os remédios do Cade têm o potencial de reduzir significativamente as barreiras à entrada e de aumentar a expansão de concorrentes, mitigando as preocupações concorrenciais identificadas ao longo da instrução do presente processo", avaliou, segundo nota do Cade, a conselheira Lenisa Prado.

O presidente do conselho,

Alexandre Cordeiro, e o conselheiro Luiz Hoffmann acompanharam o voto de Lenisa Prado. Já os conselheiros Luis Braidó, relator do ato de concentração; Paula Azevedo; e Sérgio Ravnagnani votaram pela reprovação da operação. A decisão foi tomada com base no voto de qualidade do presidente, pois a aprovação não alcançou maioria dos votos.

O ACC prevê medidas que "favorecem e facilitam a entrada de novos agentes econômicos e a expansão de competidores no mercado de SMP". Entre elas, está a oferta pública a ser feita pelas compradoras de cerca de metade das estações de rádio base (EBRs) que foram adquiridas da Oi. Também está previsto o aluguel de parte do espectro da Oi, entre outras medidas.

Reprodução



Operações da empresa de telefonia móvel serão absorvidas por Tim, Claro e Telefônica